



GIOVANNY SIMON MACHADO

A TÊMPERA DA TEMPESTADE

**UMA ANÁLISE DO PARTIDO
EM LENIN ATÉ 1917**

Edição comemorativa 100 anos da Revolução Russa

1ª Edição patrocinada pela
Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria - CNTI



Projeto Editorial
PRAXIS

1ª edição 2017
Bauru, SP

canal6 editora

Copyright© Projeto Editorial Praxis, 2017

Coordenador do Projeto Editorial Praxis
Prof. Dr. Giovanni Alves

Conselho Editorial

Prof. Dr. Giovanni Alves (UNESP)
Prof. Dr. Ricardo Antunes (UNICAMP)
Prof. Dr. José Meneleu Neto (UECE)
Prof. Dr. André Vizzaccaro-Amaral (UEL)
Profa. Dra. Vera Navarro (USP)
Prof. Dr. Edilson Graciolli (UFU)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M1492a Machado, Giovanni Simon
1.ed. A têmpera da tempestade: Uma análise do Partido em Lenin até
1917/ Giovanni Simon Machado. – 1. ed. – Bauru: Canal 6, 2017.
332 p. ; 15,5 x 23 cm. (Projeto Editorial Praxis)

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-7917-444-5

1. Partido Socialista. 2. Império Russo. 3. Revolu o Russa. 4.
Lenin. . I. Machado, Giovanni Simon. II. Título.

CDD 320.5

Projeto Editorial Praxis
Free Press is Underground Press
www.canal6editora.com.br

Impresso no Brasil/Printed in Brazil
2017

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	17
I. O IMPÉRIO RUSSO COMO “PRISÃO DOS POVOS” ..	37
O Império Russo contra a modernidade	39
Águas modernas nas pedras do czar: a impermeabilidade russa à modernidade	42
Uma flor desabrocha na taiga russa: a Primavera dos Povos, a Guerra da Crimeia e as lutas contra a autocracia	43
O atraso econômico russo	45
O sólido e o ar: a crise do czarismo e a <i>Intelligentsia</i> russa	52
A “ida ao povo” dos populistas russos	55
Aterrorizando um império: movimento revolucionário do populismo ao terrorismo	57
Uma Centelha ardente: o nascimento do movimento operário socialdemocrata russo	59

II. ANÁLISE LENINEANA DO CAPITALISMO RUSSO PARA A ESTRATÉGIA DE REVOLUÇÃO 67

A estrutura agrária russa e a polêmica da comuna rural. 68

A desintegração e diferenciação do campesinato como
pressupostos estratégicos 77

A aliança operário-camponesa 98

Estratégia e tática, da revolução democrática à revolução socialista .111

III. O PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DE NOVO TIPO 135

Unidade e diversidade, demarcação e depuração 136

Centralismo e democracia, restrição e amplitude no partido. 159

O centralismo pelos dois centros. 161

As bases do partido 173

Partido de massas e núcleo dirigente 184

O centro e a periferia: forma radial de organização do partido 194

Unidade e luta de matizes no partido de massas: o
centralismo-democrático 200

O espontâneo e o consciente 211

Dessemelhanças históricas na compreensão entre Partido e classe . 212

Luta política e luta econômica: uma batalha contra o
espontaneísmo 220

As massas e a vanguarda, o espontâneo e o consciente 233

IV. A QUEBRA DO ELO MAIS FRACO DA CORRENTE: A CRISE REVOLUCIONÁRIA	265
Distinções históricas na interpretação do imperialismo, do capitalismo monopolista e do militarismo.	266
O imperialismo pela apreensão lenineana	281
O conceito de crise revolucionária diante da guerra imperialista . .	291
CONCLUSÃO	305
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	317

AGRADECIMENTOS

Não existe mérito absolutamente individual em nenhuma conquista pessoal. Mesmo que o esforço de cada um tenha papel decisivo em suas conquistas, não é possível afirmar que existam competências inatas aos seres humanos quando observamos o todo da sociedade. Dessa forma, mesmo sendo difícil mensurar se estas ou aquelas influências tiveram maior ou menor influência sob minha conduta, é impossível deixar de agradecer a alguns sujeitos e coletivos que me premiaram com o seu apoio.

Para quem vem das classes populares, existem muitos obstáculos que podem parecer pequenos quando ditos em palavras, mas quando vividos e somados uns aos outros são verdadeiras barreiras na vida de quem pretende percorrer um caminho acadêmico de pesquisa científica. Em primeiro lugar, está a dificuldade econômica: a defasagem das bolsas em relação aos gastos com necessidades de primeira ordem (alimentação, moradia, transporte e saúde). O orçamento de um bolsista é sempre restrito e complicado, quando qualquer gasto extraordinário, seja com livros, fotocópias, ou a manutenção de um computador, por exemplo, é bastante pesado.

Mesmo assim, na condição de bolsista de pós-graduação, mas também como um egresso da UFSC que viveu toda a graduação através das políticas de permanência estudantil, pesa sob meus ombros a responsabilidade de cumprir com meu dever para com o povo trabalhador brasileiro, fonte de financiamento da universidade e de seus programas. Sou grato, portanto, ao nosso povo aguerrido e lutador, que apesar dos pesares, nunca se cansa de lutar e resistir com toda a alegria e desenvoltura típica dos trópicos latino-americanos. Espero, sinceramente, apesar deste livro não poder ser classificado como uma grande contribuição à ciência brasileira e ao

nosso pensamento social, que ele possa servir como mais um contraponto diante da crescente maré conservadora que vivemos.

O registro de gratidão à minha família é obrigatório. Sou filho de uma mãe professora da rede pública estadual e de um motorista de caminhão. Meus pais, para além de toda a importância durante meus anos de formação, nunca me deixaram na mão. Toda a minha dissertação foi redigida em um surrado *notebook* que minha mãe Alexandra pôde comprar para mim quando recebeu uma indenização. Meu pai, Flávio, já aposentado, continuou trabalhando para poder ajudar com algum valor a mim e ao meu irmão enquanto estudamos na UFSC. Por isso, e muito mais coisas que não cabem neste curto espaço de agradecimento, sou profundamente grato. Igualmente, meus avós Marli e Valdemar, meus segundos pais, além de me ensinarem tantas coisas, em especial a honestidade, qualidade que tanto admiro neles, sempre me ajudaram, acolheram-me, apoiaram-me, estimularam-me a ser mais esforçado, a dar o melhor de mim. Eu dedico, portanto, este trabalho aos meus avós e aos meus pais. Vale citar, certamente, outras figuras familiares cujo carinho e a importância são equivalentes: meus irmãos Júlio, Artur e Gabriel (cuja pródiga carreira acadêmica percorre seu caminho inicial também, mas na área da História); minha avó Maria, a grande matriarca da família Machado; minhas tias Edileny (querida madrinha que sempre me estimulou à leitura), Nádia, Dalva e Tatiana; minhas tias Juliana (Tita, *the teacher*) e Kirian; meus tios Jonas, Roberto e Nelson; todos os meus primos e primas, em especial ao Matheus (em breve um físico de destaque, com o qual pude compartilhar fecundas discussões de ordem materialista).

Agradeço em especial a todos os amigos e colegas desde quando vim residir em Florianópolis. Tanto os colegas desta ilha, da UFSC e também do curso de Serviço Social. Mesmo os amigos e amigas que não vejo há tempos sempre voltam a presentear minha memória com grandes recordações.

É impossível falar de minha trajetória, por consequência, sem falar dos meus camaradas de organização revolucionária da Juventude Comunista Avançando (JCA) e do Polo Comunista Luiz Carlos Prestes (PCLCP). Essa organização é parte central da minha vida já faz quase uma década. Sinto muito por tê-los deixado na mão em momentos tão tensos como os que temos vivido, enquanto me dedicava à produção desta obra.

Meu mestrado foi realizado em conjunto com as lutas travadas no âmbito da pós-graduação, e por isso pude compartilhar das aflições, ânimos e desânimos com muitos pós-graduandos também militantes como eu, principalmente os integrantes da gestão Pós-Ativa da Associação de Pós-Graduandos. Esse apoio mútuo é muito importante para todos nós e disso nunca me esquecerei. Da mesma forma, também vale o reconhecimento das aulas e estudos compartilhados com todos e todas as colegas do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social (PPGSS) e do Departamento de Serviço Social (DSS), tanto docentes quanto discentes, lembrando que juntos podemos fazer grandes maravilhas no aprimoramento da pesquisa e da nossa formação. Agradeço a todos os integrantes do nosso Núcleo de Estudos e Pesquisas Trabalho, Questão Social e América Latina (NEPTQSAL), pois este livro certamente é uma reflexão que vocês ajudaram a amadurecer.

Agradeço aos amigos que contribuíram também, às vezes até voluntariamente, a fazer a revisão dos meus escritos, em especial Lilian Back e Jefferson Virgílio (grande entusiasta desta publicação, cuja parceria promete dar muitos frutos). Aquele olhar externo sempre faz uma tremenda diferença, porque depois que passamos muitos dias e meses empenhados num mesmo projeto, ficamos com a visão viciada.

Minha grande gratidão também à banca avaliadora da dissertação, cujos integrantes Ricardo Lara, Paulo Pinheiro Machado, Ivete Simionatto e Jaime Hillesheim acompanham e contribuem auspiciosamente com minha trajetória desde a graduação. Agradeço ao meu mais do que professor, um verdadeiro mentor em nível acadêmico, Ricardo Lara pelos permanentes estímulos para a pesquisa social há pelo menos 7 anos de parcerias. Ao professor Paulo Pinheiro Machado, que não só prefaciou este título, mas também deu várias contribuições decisivas para seu êxito, além de ser um grande companheiro de lutas. Ao companheiro sindicalista, eletricitário e doutor em Serviço Social José Reginaldo Inácio, que escreveu a orelha deste livro e pelo seu compromisso com a classe trabalhadora e a emancipação da humanidade, viu nesta brochura alguma virtude ao ponto de contribuir energicamente pela sua publicação. À célebre historiadora que escreveu a contracapa que se segue nesta edição Anita Leocadia Prestes, filha do patriota, revolucionário e comunista brasileiro Luiz Carlos Prestes e Olga Benário Prestes, uma das mais destacadas e corajosas revolucionárias da

história do movimento comunista. Anita me presenteou com uma honra sem tamanho, não apenas por ser a figura histórica que é, mas por ser uma combatente de primeira categoria do movimento comunista e também uma pesquisadora incansável, que mesmo em idade avançada, tem uma fecundidade acadêmica sem igual. À minha orientadora Soraya Franzoni Conde, que aceitou a tarefa de corrigir, melhorar e guiar a pesquisa de mestrado, sempre indicando, em forma e conteúdo, a necessidade de preencher as lacunas e limitar os exageros da minha mania de grandeza acadêmica.

Por fim, mas como um dos agradecimentos mais importantes, declaro a minha imensa gratidão à minha companheira de lutas e amores, Bruna. É difícil encontrar palavras para agradecer quem está todos os dias aguentando as minhas lamúrias e desassossegos. Contigo, a amargura e a dureza da vida são preenchidas de carinho, paixão e cumplicidade. Você não só me apoiou emocionalmente, materialmente, mas também intelectualmente, lendo pacientemente e não deixando de criticar várias das páginas deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente contribuíram com a minha vida e minha trajetória intelectual. São tantas e tantos que citar apenas alguns é até injusto com os demais.

PREFÁCIO

O livro de Giovanni Simon Machado é o resultado de uma importante trajetória de estudos e reflexão sobre a história do marxismo e os impasses na virada do século XIX ao XX. A obra trata da trajetória intelectual e das experiências políticas de Vladimir Ilyich Ulyanov, conhecido como Volodia na infância e juventude e como Lenin no meio dos revolucionários russos, compreendendo o desenrolar das reflexões de sua juventude até o início da Revolução Russa de outubro de 1917. O livro demonstra o esforço teórico e prático levado adiante pelo revolucionário russo, originário das estepes de Simbirski, para atualizar os preceitos teóricos que orientavam sua atuação. Isto acontecia em dois campos de muitas maneiras interligados: no campo científico interpretativo, procurando entender a dinâmica do capitalismo em sua época, e no campo político-prático, procurando pensar numa forma de organização dos revolucionários que fosse eficaz para as condições históricas que se apresentavam.

Vladimir Ulyanov procurou desde cedo entender a obra do criador da filosofia da práxis. A leitura que Lenin fez de Marx não foi nada superficial. Além da língua natal, Lenin dominava os idiomas alemão, inglês e francês, convertendo-se em um tipo muito raro de intelectual de profundidade fundido a um homem de ação extremamente prático. O russo foi atrás das fontes lidas pelo pensador alemão, reconstruindo e captando a vitalidade e energia de seu pensamento, compreendendo a herança hegeliana, aprofundando os estudos de economia política e as tendências gerais colocadas pelo desenvolvimento do capitalismo, inclusive atualizando a percepção para a nova fase monopolista vivida pelo domínio do capital.

Ulyanov deu um passo adiante; a partir da correspondência que Marx trocou com os pioneiros do socialismo na Rússia, passou a estudar

as especificidades desse país, um mar camponês na periferia do mundo do capital. Embora a Rússia tivesse ao final do século XIX um grupo significativo de intelectuais a refletir sobre seu país e sobre a superação da autocracia czarista, poucos desenvolviam um pensamento original e criativo como Lenin. Grande parte da intelectualidade havia caído no populismo russo, baseado na idealização do Mir (a tradicional comunidade camponesa russa) e no entendimento que essa base social poderia ser o alicerce de uma nova sociedade. Esse caminho foi seguido pelo irmão mais velho de Vladimir, Alexandre Ulyanov, que foi executado pelos soldados do czar. Lenin demonstrou cabalmente algo que Marx apenas suspeitava: o Mir estava definitivamente desintegrado e corrompido pelo desenvolvimento do capitalismo no meio rural, levando a um crescente processo interno de diferenciação entre os camponeses. O Mir era passado, não poderia servir de base para nada efetivamente novo e revolucionário.

Em seu estudo sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, obra ainda de um autor jovem, mas muito bem embasada por extensa pesquisa empírica aliada a uma inteligente percepção do movimento da realidade, Vladimir Ulyanov passa a compreender a especificidade de um Império que passou por um processo histórico absolutamente peculiar e que mesmo a insuficiência do desenvolvimento do capitalismo colocava esse país periférico no centro de uma crise revolucionária que levaria a uma ruptura com o sistema dominante. Vladimir sabia que ainda existiam medidas democráticas que precisavam ser realizadas para que a Rússia pudesse pensar numa transição ao socialismo. Mas não tinha a mínima esperança de que a burguesia russa pudesse liderar esse processo.

Dessa maneira, Giovanni demonstra que a originalidade de se pensar uma revolução democrática sob a liderança do proletariado aliado aos camponeses será uma das principais marcas deixadas pelo revolucionário de Simbirski. Outra parte importante da obra de Lenin é a percepção da realidade e a atualização da luta revolucionária. Tal como Marx, que se debruçou sobre a experiência da Comuna de Paris (1871), Lenin dedicou vários estudos à experiência da primeira Revolução Russa (1905-07) e à formação dos Soviotes, os conselhos de Operários, Soldados e Camponeses que se transformariam em embriões do futuro Estado. Mais que isto, como parte do processo de organização da classe proletária, Lenin dedicou muita energia ao processo de invenção de um partido político de novo tipo, de

saída pensando no partido como algo *na e da* própria classe, não como algo externo à classe. Não mais um partido que fosse um agrupamento caótico de operários e socialistas que frequentemente estavam imersos nas dinâmicas específicas dos movimentos sindicais e trabalhistas, preocupados em ocupar espaços institucionais nos parlamentos, tal como a maioria dos partidos social-democratas da época. Lenin não diferencia o modelo de organização do partido com a estratégia político-prática da própria organização. Foi o voluntarismo e a desorganização que deram base à falência da II Internacional e à decadência dos sociais-democratas que sucumbiram à guerra e ao apoio aos seus respectivos estados imperiais. O partido de novo tipo deveria ser uma vanguarda consciente que atue com planejamento e norte, não como um agrupamento à mercê dos espasmos espontâneos das massas.

Este livro de Giovanni Simon coloca em debate questões como estas e outras ainda ligadas ao debate socialista e à construção de alternativas do futuro. Embora o século XX tenha apresentado diferentes desdobramentos para as experiências e ensinamentos de Lenin, recuperar os debates e impasses de sua época é muito mais do que comemorar a efeméride de um centenário. Há atualidade e urgência nesses debates. Trata-se de recolocar, para os dias de hoje, a necessidade de reflexão, estudos, avaliação de experiências e formulação de projetos, algo fundamental para os dias de hoje, para que os interessados em alternativas revolucionárias não fiquem à mercê de espasmos e explosões espontâneas, tal como o homem de Simbirski havia pensado.

Florianópolis, 10 de junho de 2017.

Paulo Pinheiro Machado

Prof. Depto. História – Universidade Federal de Santa Catarina.

INTRODUÇÃO

“Esse é o tempo de partido, de homens partidos”, escreveu o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade (2000, p. 29) há mais de sete décadas¹. Certamente, e também em razão do próprio título de sua obra, ele procurou expressar o esfacelamento do mundo, tal qual da própria humanidade, diante de evento tão hediondo quanto a 2ª Guerra Mundial. Porém, se a universalidade da arte nos permite interpretar e dispor do significado desse verso para nossas próprias fantasias, então ousamos dizer que o poeta atribuiu duplo significado ao *partido*. Não como uma duplicidade de significados com sentidos divorciados e desconexos, mas com substâncias derivadas uma da outra: *estar partido* e *tomar partido*.

É patente que há uma diferença entre os dois significados. Estar partido denota uma condição, um estado temporário, transitório, que pode ou não coincidir com a vontade do sujeito. Tomar partido, por outro lado, é muito mais ativo e protagonista, de iniciativa do sujeito. Mas o que faz um sujeito “tomar partido”? Ele “toma partido” por “estar partido”? Ser partido, porém, exige que o seja por uma força exterior ao sujeito. A reflexão provocada por Drummond introduz com êxito o sentido de nossa argumentação e igualmente deste livro.

Este livro é fruto da dissertação de mestrado deste autor, com título homônimo, defendida em março de 2017 no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina. Está na presente edição reproduzida quase que integralmente. Uma análise do Partido em Lenin, desenvolvido nos anos pré-revolucionários de 1917, figura como

1 Fragmento do poema *Nosso tempo* em *Rosa do Povo*, de 1945.

instigante objeto de inquérito na atualidade, depois deste autor ter sido inúmeras vezes rotulado como apenas produtor de “ideologia” pela vulgata acadêmica hegemônica no campo das humanidades. A principal motivação que justificou a realização de tal investigação, cujo resultado o leitor tem em mãos, repousa sobre três aspectos principais: O partido é um dos mais importantes instrumentos históricos de organização da classe trabalhadora no Brasil e no mundo desde a gênese do capitalismo e a erosão do chamado Antigo Regime; nesse bojo, os partidos de inspiração lenineana² tiveram grande destaque e se tornaram forças políticas de peso na maioria dos países, caracterizados como “partidos comunistas”; embora não seja o objeto desta obra o cenário atual dos partidos no Brasil, não podemos deixar de mencionar a complexa e delicada conjuntura que vivemos como uma das suas razões motivadoras.

Com relação a este último, trago como exemplo as manifestações ocorridas entre junho e julho de 2013 no Brasil. Elas colocaram milhares de pessoas às ruas em várias cidades brasileiras, em especial nas principais capitais, e ficaram conhecidas como as *Jornadas de Junho*. Muitos ainda estão refletindo as razões dessa tempestade social gerada na luta pelo Passe Livre³ no transporte coletivo. Todavia, o mais importante é tentar perceber quais são os produtos desse acontecimento inédito na história política recente⁴ do Brasil.

2 No decorrer do trabalho, vamos mencionar muitas vezes o termo “lenineano”. É preciso denotar a diferença entre esse termo adotado por nós e aquele que usualmente é conhecido: leninismo ou leninista. Haja vista que o termo “leninista” representa muito mais uma tradição política da história, principalmente no termo “marxismo-leninismo” que foi cunhado por Stalin, preferimos não utilizá-lo para evitar confusões. Nosso livro visa investigar única e exclusivamente um aspecto da obra de Lenin, e não privilegia nenhuma corrente das interpretações de sua obra que se intitulam leninistas. Todavia, nós de forma alguma descartamos completamente o termo “leninismo”, entendendo que ele se situa dentro da heterogênea tradição marxista, constituindo parte dele como ciência viva. Discordamos, portanto, das afirmações de Netto (1981) em sua brochura *O que é stalinismo*, que dão a entender que o marxismo-leninismo está encerrado na interpretação staliniana.

3 Mesmo a luta pelo Passe Livre e a repressão sofrida nos atos de rua tendo sido o estopim do que levou milhares de pessoas às ruas, sabemos que rapidamente essa pauta em particular foi deixada de lado, dando lugar a uma série de reivindicações históricas, porém difusas, como a saúde, a educação, a segurança e a indignação com os excessivos gastos na realização da Copa do Mundo da FIFA no Brasil em 2014.

4 Um movimento de massa dessa magnitude talvez só seria comparável com os atos do “Fora Collor” e com os grandes movimentos pelas “Diretas Já”, ou seja, fazia quase três décadas que

Um dos aspectos mais expressivos, e para nosso objeto em particular, foi o registro de situação de agressão por parte da população ao serem contrários à participação de partidos políticos no interior dos protestos, incluindo atos de violência. Seria, talvez, compreensível uma maior agressividade contra os partidos mais tradicionais que disputam as eleições a cada dois anos, pois geralmente se constrói um dualismo entre o Partido dos Trabalhadores (PT) e o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), mas aconteceram igualmente atos de repulsa às *organizações partidárias de matriz marxista-leninista* que sequer possuem registro eleitoral formal, e são quase anônimas da disputa mais visível no cenário político geral. Quanto ao registro dessas argumentações, por conta da própria condição de militância e de ser partícipe das *Jornadas de Junho* em Florianópolis, colocamo-nos como testemunha, mas também como alguém que teve de enfrentar tais agressões. Não fomos os únicos a presenciar tais fenômenos, em outros casos de outras cidades também foram registradas situações semelhantes pela mídia⁵.

Dentro dessa disputa, um dos momentos mais emblemáticos foi a cabal incapacidade de mobilização das Centrais Sindicais brasileiras vinculadas aos partidos do espectro da esquerda política, que convocaram uma manifestação conjunta para o dia 11 de julho de 2013 (SOUZA, 2013). A manifestação foi um fracasso se comparada com as anteriores, em pleno momento de convulsão social⁶. Ou seja, mesmo que quatro anos depois esse cenário tenha mudado consideravelmente, há um grande abismo entre aquilo que se considera a “vanguarda” e a grande massa. Esse fenômeno

concentrações populares, motivadas por descontentamentos políticos, tão volumosas não eram observadas nas ruas brasileiras.

- 5 No Piauí: “Durante as passeatas, os manifestantes gritavam o refrão ‘Sem partido’ e cobravam de militantes com bandeiras de partidos, como PT, PSTU e PSOL, que se retirassem dos protestos”. (G1, 2013). Em São Paulo: “Na última quinta-feira, 20, protestos ocorreram simultaneamente em 150 municípios brasileiros. Houve repressão da polícia em alguns lugares, como já vinha acontecendo nas manifestações anteriores, mas o confronto que ganhou força, especialmente em São Paulo, foi entre manifestantes que não concordavam com a presença de nenhuma bandeira de partido político nas manifestações contra manifestantes partidários. Militantes foram agredidos, bandeiras queimadas e sedes de partidos depredadas” (ROUSSELET, 2013).
- 6 “O movimento organizado pelos sindicatos de todo o país não teve o impacto esperado e mobilizou um número de pessoas menor que o esperado. Funcionários de empresas de ônibus e do metrô de São Paulo, por exemplo, não aderiram à mobilização o que minimizou ainda mais os efeitos políticos das marchas” (JOVEM PAN, 2013).

tem importante significado para nós *apenas como motivação*, não é objetivo deste livro investigar a complexidade do momento brasileiro na política intra e extrainstitucional. Em particular, parece-nos ainda representar uma espécie de dissolução do caráter proletário e revolucionário de tais partidos, tidos pelas massas como idênticos aos partidos de natureza capitalista, sofrendo igualmente do desgaste deles, processo normal da democracia burguesa, descrito por Lukács como profundo sintoma da democracia burguesa formal dos tempos atuais

a verificação expressa umas das debilidades centrais da democracia formal burguesa: as massas aparecem – formalmente, nos atos eleitorais – como soberanos absolutos, inapeláveis; todavia, são de fato carentes de poder e assim devem permanecer, de acordo com a vontade de seus manipuladores. Uns poucos indicadores – o custo excessivo dos aparatos eleitorais, dos jornais de grande circulação etc. – bastam para mostrar que, na organização da economia em que se insere, o poder se concentra necessariamente em poucas mãos. A imprensa, a literatura, o cinema etc., assim dirigidos, tendem a despolitizar o espírito das massas que, educadas deste modo, são facilmente manipuladas pela propaganda eleitoral. Em suma: a pretensa nova elite é, na realidade, escolhida por um pequeno círculo de personalidades anônimas, que permanecem na sombra e, em parte, escolhe-se a si mesma; mas seu baixo nível, sua irresponsabilidade e sua corrupção são atribuídos à democracia, às massas que formalmente a elegeram (LUKÁCS, 2009a, p. 33-34).

Acreditamos que, ao serem vistos igualmente aos partidos tradicionais burgueses, os partidos de inspiração lenineana estão incapazes de alcançar na sua plenitude aquela concepção de Partido revolucionário preconizada por Lenin. Para identificar isso, porém, é que ingressamos em nosso objeto em si, na grande questão que este livro busca suscitar: Quais são as determinações teóricas e sociopolíticas que constituem o Partido, como instrumento histórico do proletariado em sua luta pela *emancipação humana pela via do socialismo*, da concepção essencial elaborada, principalmente,

por Vladimir Ilyich Ulyanov, nome por trás do pseudônimo que lhe rendeu notoriedade e lhe fez mais conhecido como Nikolai Lenin⁷.

Levando em conta o afastamento entre as bases do proletariado e os partidos de inspiração lenineana na contemporaneidade, será então que o Partido, como instrumento histórico do proletariado, está realmente esgotado em sua essência? Será que o descrédito pelo qual passam os partidos que se propõem a uma transformação radical da sociedade significa um esgotamento decisivo da concepção de “Partido revolucionário de vanguarda”?

Propomo-nos a investigar a dimensão teórico-política essencial na concepção marxiana lenineana de “Partido revolucionário de vanguarda”, de forma a apontar contribuições para uma restauração dos significados teórico-políticos e filosóficos para os partidos que mantêm tal inspiração hoje. O objeto de nosso inquérito pretende responder ao seguinte questionamento central:

Qual é a base teórica que sustenta a estrutura política de partido, elaborada durante a experiência da Revolução Russa de 1917 por Vladimir Lenin, o Partido lenineano, na sua relação com o desenvolvimento da consciência de classe “em si” ao seu caráter “para si”?

Ou seja, qual é a função que o partido cumpre neste processo de passagem de uma consciência de si do proletariado para a criação de uma consciência com um projeto de transformação e emancipação global da classe?

Dentro dessa problemática, podemos identificar outros questionamentos derivados que serviram como elementos de pesquisa auxiliares para se compreender nosso problema central:

Qual é a relação entre o Estado e a sociedade dividida entre classes na obra marxiana-lenineana? Em que medida os partidos representam e expressam as classes historicamente? Qual é a relação entre o partido lenineano e o Estado? Qual é a natureza da Revolução e da derrubada do Estado burguês dentro da concepção teórica lenineana? Este modelo de partido possui determinações universais, quer dizer, tem elementos viáveis que podem ser generalizados e aplicados em outras circunstâncias históricas,

7 Era comum e necessário que, frente às perseguições policiais, os revolucionários russos utilizassem pseudônimos para assinar publicações e dirigir aos seus iguais em congressos e reuniões partidárias.

sociais e econômicas, ou foi apenas uma experiência particular da atrasada Rússia czarista, portanto, já esgotada? Qual é o significado da vanguarda no processo de passagem de consciência em si e para si? A vanguarda é prescindível? Por que o proletariado é tido como única classe verdadeiramente revolucionária nas concepções marxiano-lenineanas? Qual é a relação entre a forma adotada pelo Partido bolchevique de Lenin, nos distintos períodos históricos do início do século XX até março de 1917, dali até a revolução de novembro, com a essência da concepção teórica lenineana de organização? Em que medida o combate interno conduzido por Lenin levou à vitória da Revolução? São estas as questões derivadas do problema central sob os quais nos debruçamos nesta pesquisa e cujas respostas, mesmo parciais e por vezes insuficientes, o leitor terá acesso no decorrer desta brochura.

Em nossas argumentações, buscaremos explicitar o que faz os homens *tomarem partido* – mas não *qualquer* partido, mas um tipo especial de partido: o *partido de novo tipo*. Entender o Partido lenineano, denominado de “novo tipo”, requer algumas incursões em temas preparatórios que nos acudam no exame do objeto em si. Em especial no tópico sobre o “estar partido” que, ao nosso ver, precede a tomada de posição. Afinal, os homens já estavam divididos entre si antes do surgimento do que modernamente se concebe como partido. Divididos em clãs, em trabalhos, em gêneros, em profissões, em classes, em castas, etc. Nesta introdução, vamos expor brevemente alguns elementos teóricos que embasam a nossa argumentação sobre o sentido último do Partido lenineano.

Este livro não está fora de contexto. O ano é 2017: marcado pelo *Centenário da Revolução Russa* que revisitamos para compreender a obra de Vladimir Ilyich Lenin, considerado líder da Revolução que abalou o mundo nos princípios do século XX. Certamente, durante o ano, pensadores, sociólogos, militantes, sindicalistas e lideranças populares do mundo farão suas homenagens ou suas injúrias à Revolução de Outubro. É natural que um feito histórico de tamanha envergadura e de posicionamento político e ideológico tão cristalinamente posto exorte as mais apaixonadas discussões. Não é gratuitamente, portanto, que Lukács (2012, p. 29) considere Lenin como “o maior pensador que o movimento revolucionário dos trabalhadores concebeu desde Marx”.

No entanto, com exceção de alguns poucos e isolados pensadores da modernidade, Lenin não é reconhecido pela academia nem de perto como Lukács o avalia. Não nos iludamos com os cânticos da neutralidade científica⁸, ela é também, com alguma autonomia, pregueada por interesses políticos e ideológicos. Há direita e esquerda na ciência. E quando Lenin é lembrado pela ala direita, é caracterizado como déspota, autoritário, quase sempre pelos adeptos da infame teoria do *totalitarismo*.

Embora não intentamos dissimular nossa posição, alguns autores “inimigos” de Lenin são também utilizados por esta obra. Mas quando lembrado pela esquerda, comumente “está consolidada uma tendência à representação sumária de Lenin como um ‘doutrinário’ rígido e ortodoxo” (FRESU, 2016, p. 17).

Isto não é por acaso: há um século a sua imagem é demonizada por todos os meios possíveis, simultaneamente a um tempo histórico sombrio de contrarrevolução permanente de caráter global. Não nos surpreenderá se por ventura este trabalho não passar despercebido, ou que não sejamos esculachados por consumir nossos recursos e energias com emblema tão polêmico da história moderna. Mas a tendência geral ao desprezo por esse tema deve “salvar-nos” desses inconvenientes, afinal:

Quem irá ainda meter seu nariz nos quarenta volumes encadernados das Edições de Moscou, com cheiro de cola de peixe? Quem irá mergulhar nesta sucessão de artigos, de notas de jornalista, de escritos de luta e de circunstância, de polêmicas cujos destinatários na maior parte caíram no esquecimento? (BENSAID, 2000⁹)

8 Em termos de autoridade científica, Albert Einstein, embora repudiasse que os destinos da sociedade fossem decididos apenas pela decisão daqueles “especialistas”, certamente goza de significativo renome. Ele afirma que a ciência “não tem o poder de criar finalidades, e muito menos de instilá-las nos seres humanos; a ciência pode, no máximo, fornecer os meios com que atingir certas finalidades. As finalidades são concebidas por personalidades com ideais éticos elevados – ideais esses que, quando não são natimortos e sim cheios de vida e vigor – são adotados e levados adiante por aquela multitude de seres humanos que, de modo parcialmente inconsciente, terminam por determinar a evolução da sociedade” (EINSTEIN, 2009). Se a ciência se adequa às finalidades concebidas pelos indivíduos, então ela estará sempre, em alguma medida, trespassada por interesses inclusive políticos e ideológicos.

9 Essa referência, assim como várias outras citadas no decorrer do texto, estão disponíveis em transcrições e traduções *on-line* no portal www.marxists.org, não constando portanto de páginas de numeração para referência direta.

Objetivamente, mesmo o mais virulento anticomunista não poderá negar a relevância de Lenin na história mundial quando confrontado com a realidade concreta. Apenas a título de ilustração, quando a fundação da III Internacional (*Komintern*) encorajou os revolucionários do mundo todo, insatisfeitos com a posição pró-guerra e reformista de seus compatriotas, a romperem com a velha socialdemocracia¹⁰, criando partidos comunistas, o impacto foi monumental. Em 1922, o Partido Comunista Brasileiro foi fundado sob influência direta da Revolução Russa, e o mesmo ocorreu com vários outros países: China (1921), Cuba (1920), Vietnã e Laos (1930), África do Sul (1921), Chipre (1926), Portugal (1921), Venezuela (1931), Alemanha (1918), Países Baixos (1918), Romênia (1921), Grã-Bretanha (1920), Austrália (1920), Canadá (1921), Islândia (1930), México (1919), EUA (1919), Grécia (1920), Argentina (1918), dentre muitos outros.

Para aqueles que desejem antagonizar com a pertinência e a objetividade deste livro por ser considerado apenas “ideologia”, ou que por alguma razão almejem ler um estudo que confronte a perspectiva lenineana, de antemão alertamos que se trata do resultado de uma investigação situada dentro de um paradigma específico. Nas ciências da natureza, como a Física, podemos encontrar pesquisas que visem confrontar diferentes paradigmas, entre a Teoria das Cordas e a Física Quântica, por exemplo. Mas também há investigações que buscam aperfeiçoar ou estudar minuciosamente aspectos dentro de um conjunto de premissas específico, sem contrastá-lo com algum adverso. Este é o caráter de nossa pesquisa: inquirir os aspectos fundamentais da concepção de Partido em Lenin dentro das premissas do marxismo. Igualmente, podemos ser contestados por quem deseje ver distintos teoremas da organização partidária marxista contrariando a proposta lenineana. Nesse sentido, fizemos um esforço de opor em aspectos gerais as concepções de Lenin com as de alguns de seus contemporâneos, tais como Rosa Luxemburgo e Karl Kautsky.

Algumas ressalvas são necessárias: a intenção deste trabalho não é biográfica, tampouco é atualizar a historiografia da Revolução Russa de 1917, por isso dispensamos narrativas lineares do processo histórico. Isso não significa que nos limitaremos a uma exegese abstrata. Utilizaremos a

10 Os termos social-democracia e socialdemocracia (assim como social-democrata e socialdemocrata) são utilizados como sinônimos neste livro. A variação remete às fontes consultadas.

história como amostra concreta para apreensão das categorias centrais que fundam a concepção de partido em Lenin.

Por vezes, ao longo do livro, padecemos de longas descrições de aspectos *aparentemente* triviais, com excesso de citações. No entanto, consideramos que isto é necessário para que as conclusões finais e parciais sejam devidamente circunstanciadas, provadas e embasadas. Em decorrência, no quesito de forma, certamente pecamos por aborrecer o leitor, que pode considerar o conteúdo da argumentação demasiadamente repetitivo e arrastado. Mas defendemos que sem esses imperativos poderíamos escorregar por verdadeiras especulações.

Apresentando a estrutura deste livro, temos o primeiro capítulo que versa sobre as condições históricas, econômicas, sociais e políticas do Império Russo em sua transição do século XIX para o XX, de forma a compreender sob quais bases germinou o Partido lenineano.

O segundo capítulo é dedicado a como Lenin reagiu perante seu tempo histórico, situando seu estudo da realidade russa, a sua estratégia de revolução e as viragens táticas, sua identificação do proletariado com sujeito revolucionário e sua defesa da aliança histórica com o campesinato pobre.

Os problemas do centralismo e da unidade partidária, da forma do partido e de sua relação de vanguarda ideológica com a consciência de classe, são objetos de análise no terceiro capítulo.

No quarto e último capítulo, são investigados os problemas da guerra e o conceito de crise revolucionária.

Uma vida inteira de estudos talvez não seja suficiente para esgotar este objeto, por isso optamos por passar por eles de maneira rápida ao invés de analisar apenas um aspecto singular, optando por uma abordagem mais totalizante, correndo o risco de cair em superficialidade, conforme indicado pela banca de qualificação realizada em setembro de 2016.

Trilhamos apenas os primeiros passos do que esperamos ser uma longa jornada acadêmica. Assim, não temos qualquer jactância em inovar artificialmente no âmbito categorial, ou criar qualquer novo paradigma dentro do que já é entendido da obra de Lenin. Mas sem nutrir qualquer arrogância intelectual, preferimos arriscar sermos contraditos pelos nossos interlocutores, avaliadores e o próprio leitor desta obra a nos resignar a uma passividade intelectual. Tentaremos, portanto, buscar os aspectos universais e particulares de sua teoria do Partido, ou seja, aqueles particulares

que estão sepultados com a Rússia czarista, e aqueles que permanecem atuais e podem servir de guia para interpretações contemporâneas.

Há uma intencionalidade criadora e não apenas reprodutora em nossa pesquisa, mesmo que seus resultados não sejam definitivos (o que é ontologicamente impossível pela natureza aproximativa do conhecimento). Esta é, ao nosso ver, a essência de uma avaliação crítica objetiva possível, fora do mito da neutralidade, realizada por quem está comprometido com o desenvolvimento do pensamento crítico e busca contribuir com a emancipação humana.

Nossa filiação teórica tem por predileção científica e filosófica a imagem em que as construções históricas de natureza espiritual da humanidade têm por cláusula precedente às formas assumidas, igualmente históricas, de produção e reprodução material da vida pela via do trabalho. Dessa maneira, das dessemelhanças presentes nas formas de produção da vida, trabalho e forças produtivas, descendem sensíveis mudanças nas relações entre os homens. Por isso, já no primeiro capítulo, fazemos uma análise sobre as condições históricas, econômicas e sociais a partir das quais se desenvolveu a *política particular do Partido lenineano*: as da Rússia czarista pré-revolucionária.

REFLEXÕES PRELIMINARES SOBRE TRABALHO E POLÍTICA

Marx, Engels e Lukács identificavam no *trabalho* a categoria fundante do ser social, é essa atividade que distingue decisivamente a produção e a reprodução da vida humana em sociedade dos demais animais. É pelo trabalho que a humanidade dá um “salto ontológico” em outra qualidade de ser, sem eliminar também sua condição de ser orgânico e inorgânico.

O trabalho, que é uma atividade indispensável para a humanidade em qualquer forma particular de sociedade, situa-se no binômio entre causalidade e teleologia: ou seja, constitui a forma pela qual o ser social põe em movimento cadeias causais (o automovimento da realidade), inicialmente da natureza, a seu favor e para melhor reproduzir a sua vida, através do “pôr teleológico”. A teleologia é entendida aqui como uma atividade orientada por um fim, sendo as primeiras finalidades sempre ligadas à sobrevivência.

À medida que o ser social se complexifica, desenvolve novas necessidades e ressignifica outras.

Conforme os autores citados, o trabalho como primeira atividade especificamente humana compreende o processo de prévia-ideação e escolha entre alternativas concretas: o ser humano, antes de realizar o seu trabalho, elabora idealmente seu objetivo em sua mente e escolhe a melhor alternativa para tal. Essa operação ontológica dará origem a outros pores¹¹ como a linguagem, a ciência, a arte, etc., de forma que têm o trabalho como modelo de toda práxis social desenvolvida. Aos poucos, esses outros pores também assumirão alguma autonomia, ainda que nunca completa, em relação ao trabalho. A *política*, portanto, enquanto práxis social milenar, também se situa nessa relação, e é sobre ela que desejamos nos debruçar rapidamente de forma a embasar como preâmbulo de nosso tema propriamente dito.

Essa sistematização nos leva a um tema importantíssimo e central no entendimento do trabalho como categoria fundante: a *teleologia e causalidade*. A teleologia é a atividade orientada por uma finalidade, o atendimento de necessidades, em conjunto com a capacidade imaginativa de projetar idealmente sua ação antes de realizá-la na prática. Lukács (2009b, p. 230) definiria a causalidade como uma “lei espontânea na qual todos os movimentos de todas as formas de ser encontram sua expressão geral”. Ou seja, a causalidade representa uma síntese dos acontecimentos, suas consequências e seus efeitos. Eventos, inicialmente isolados entre si, podem gerar um efeito, e esse efeito, por sua vez, isolado e desconectado, pode não representar nada, porém, quando ligado a outro evento, juntos causam um novo efeito qualitativamente diverso, e assim sucessivamente, constituindo uma *ordem ou cadeia causal*. A dialética entre causalidade e teleologia é descrita assim por Lukács:

Vale dizer que, enquanto a causalidade é um princípio de auto movimento que repousa sobre si próprio e mantém esse caráter mesmo quando uma cadeia causal tem o seu ponto de partida num ato de consciência, a teleologia, em sua essência, é uma categoria

11 O termo empregado por Lukács para aludir a capacidade humana de pôr em movimento as leis próprias dos objetos produzindo efeitos práticos reais, sempre de acordo com seus objetivos almejados, é longamente discutido por Lukács (2013) na obra *Para uma Ontologia do Ser Social*, sobretudo no capítulo sobre o *trabalho*.

posta: todo processo teleológico implica o pôr de um fim e, portanto, numa consciência que põe fins (LUKÁCS, 2013, p. 48).

Dessa forma, a máxima de Marx (2011b, p. 25), em que afirma “Os homens fazem sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram”, demonstra a relação entre as condições dadas pela causalidade e a atividade teleologicamente orientada.

A diferença fundamental consiste não apenas na criação de produtos, mas no papel infindavelmente inventivo da consciência humana. É o que separa a melhor abelha do pior arquiteto, a capacidade de criar imaginariamente dentro de sua consciência o objeto a ser produzido antes de realizá-la no plano material (Marx, 1996). Articulada com sua atividade direcionada ao suprimento de uma necessidade, a capacidade consciente põe em movimento as forças ocultas da natureza externa ao homem, são mediações que

tornam praticamente eficientes forças, liames, qualidades, etc. Da natureza que, de outro modo, não poderiam exercer essa ação: O homem, liberando e dominando essas forças, traz à existência um processo de desenvolvimento das próprias capacidades no sentido de níveis superior (Lukács, 2009b, p. 230).

As Cataratas do Iguaçu jamais teriam sua potência adormecida desperta não fosse ação consciente dos seres humanos em pôr numa queda d’água uma grande usina hidrelétrica. Sem a teleologia, elas seriam apenas cataratas, repetindo um infindável ciclo fluvial. Sem a teleologia, não seria sequer uma beleza natural, uma vez que não haveria nenhum ser consciente capaz de admirá-las. O ser social, em sua luta pela reprodução e sobrevivência, diverge radicalmente do restante dos seres vivos, pois vai além da simples estabilização biológica característica da competição biológica (Lukács, 2009b).

A atividade orientada por um fim, porém, não é o fato distintivo decisivo entre o ser humano e os demais animais, já que eles também possuem comportamentos e atividades que buscam a satisfação de suas necessidades, sempre restritas ao espectro da reprodução biológica.

Os caminhos começam a divergir quando entre a necessidade e a satisfação se insere o trabalho, o pôr teleológico. E nesse mesmo fato, que implica o primeiro impulso para o trabalho, se evidencia a sua constituição marcadamente cognitiva, uma vez que é indubitavelmente uma vitória do comportamento consciente sobre a mera espontaneidade do instinto biológico quando entre necessidade e a satisfação imediata seja introduzido o trabalho como mediação (LUKÁCS, 2013, p. 78).

É a ação consciente que separa decisivamente seres humanos de sua simples reprodução biológica. Mas isso não ocorre por uma epifania ou uma iluminação divina que lhe concede o dom do conhecimento, mas apenas pelo trabalho, que gradativa e socialmente vai desenvolvendo uma consciência humana. Mas como se opera esse processo? Igualmente, reafirmamos a noção de “salto” entendida como uma transição. Lukács, englobando a contribuição de Nikolai Hartmann, divide o ato do trabalho em dois processos: o pôr do fim e a investigação dos meios. Isto porque ao construir, por exemplo, uma casa

De nenhum desenvolvimento imanente das propriedades, das legalidades e das forças operantes do mero ser-em-si da pedra ou da madeira se pode “deduzir” uma casa. Para que isso aconteça é necessário poder do pensamento e da vontade humanos que organize material e faticamente tais propriedades em conexões, por princípio, totalmente novas (LUKÁCS, 2013, p. 53).

Correlatamente, embora seja necessário que compreendamos mais mediações das especificidades dos estágios mais elevados das formas de práxis do ser social, podemos fazer um paralelo com a própria substância do ser-em-si e do ser-para-si. Para exemplificar, e correndo o risco de adiantar grosseiramente uma temática, podemos dizer que as determinações objetivas pelas quais é caracterizado um trabalhador no modo de produção capitalista – o trabalho livre, o assalariamento e a exploração de mais-valia –, não contêm atinentes uma determinação do “trabalhador para si”, cujos interesses e o projeto societário se contrapõem aos dos capitalistas.

A ação consciente dos homens pelo trabalho diante das alternativas concretas causais se dá pelos chamados pores primários, ou seja, ação consciente, guiada por um fim, capaz de idealizar previamente seus resultados,

projetando no futuro, através da observação e do reflexo mental da realidade, o que lhe permite escolher entre as opções mais adequadas.

Porém, os pores primários residem tão somente na ação humana na natureza, no ser orgânico e inorgânico, cujo movimento é determinado por legalidades dadas pela natureza espontânea e que não alteram seu curso conscientemente. São os pores secundários, porém, que caracterizam a ação humana sob matéria posta, sob o ser social, portador de consciência e opinião. Na sociedade mais complexificada e de grande socialização, o espectro de alternativa não é determinado pela vontade dos indivíduos, como já afirmamos, todas as ações e as alternativas estão condicionadas pelas circunstâncias *presentes*. É com esse presente que o agir humano pode procurar um *futuro*, mas sempre ligado e condicionado por esse presente legado. Essa noção do desenvolvimento histórico possui uma relevância enorme quando tratamos de nosso tema, porquanto as elaborações lenineanas buscaram compreender o sentido fundamental do seu presente, resultado de múltiplas determinações históricas, simultaneamente projeção futurística de ruptura com a ordem burguesa e construção do socialismo. Cada resposta, entretanto, também está orientada por fins determinados e contém, então, um valor: “Os homens respondem – mais ou menos conscientemente, mais ou menos corretamente – as alternativas concretas que lhes são apresentadas a cada momento pelas possibilidades do desenvolvimento social” (LUKÁCS, 2013, p. 122).

Toda resposta que um indivíduo dá aos problemas que lhe são apresentados busca atender a fins e a necessidades definidas pelas circunstâncias postas, objetivando-se em um valor, pois sua ação estará situada entre os polos positivos e negativos, tendendo mais a um do que a outro, diante daquilo que está posto. Ele se resigna ao estado de coisas ou o rejeita, acata ou desacata. Não estamos tentando simplificar para dois tipos de respostas padrão que os seres humanos dão quando confrontados por dilemas, porque *entre* eles existem inúmeras mediações e variações, mas é necessário deixar claro que *por trás* dessas variações e mediações sempre encontraremos algum juízo de valor.

A volubilidade das posições humanas diante das causalidades dadas não é fruto apenas das circunstâncias legadas pelos indivíduos pela objetividade social posta, mas é também fruto da própria subjetividade desses indivíduos:

subjetividade de quem põe adquire um papel qualitativamente diferente e, ao final, o desenvolvimento das relações sociais entre os homens implica que também auto transformação do sujeito se torne um objeto imediato dos pores teleológicos, cujo caráter é um dever-ser (LUKÁCS, 2013, p. 105).

A subjetividade, portanto, é sujeito e objeto. É sujeito porque se auto-transforma, é objeto porque é também alvo dos pores secundários de outros indivíduos. Até que ponto as características subjetivas de Espártaco foram decisivas para angariar apoio e desencadear uma das maiores revoltas de escravos que balançaram a República Romana?

Desses e outros exemplos poderíamos extrair muitas conclusões sobre casos distintos, mas uma é talvez a conclusão comum entre vários deles: a relação de reciprocidade entre a objetividade social e a subjetividade individual nas posições tomadas pelos seres humanos nas distintas épocas, sociedades e os seus problemas enfrentados. Em que pese essa conclusão, que já pode ser derivada da obra marxiano-lukacsiana, talvez um dos mais emblemáticos momentos seja o de uma das maiores disputas políticas da história e que marcaria e definiria os rumos de outros milhões de indivíduos envolvidos com a causa revolucionária: a disputa Trotsky e Stalin.

Ambos lideravam facções distintas e concorriam à direção do Partido Comunista da URSS em razão do fenecimento gradativo de Lenin, que até então figurava como dirigente incontestado da Rússia Soviética. Por ocasião do XIII Congresso do Partido, Lenin elabora uma carta taquigrafada por sua companheira Krupskaja opinando por algumas das propostas, porém o que mais chama a atenção é seu julgamento de alguns membros do Comitê Central, dentre eles, Trotsky e Stalin:

O camarada Stálin, tendo chegado ao Secretariado Geral, tem concentrado em suas mãos um poder enorme, e não estou seguro que sempre irá utilizá-lo com suficiente prudência. Por outro lado, o camarada Trotsky, segundo demonstra sua luta contra o CC em razão do problema do Comissariado do Povo de Vias de Comunicação, não se distingue apenas por sua grande capacidade. Pessoalmente, embora seja o homem mais capaz do atual CC, *está demasiado ensoberbecido* e atraído pelo aspecto puramente administrativo dos assuntos (LENIN, 2000a) (grifo nosso).

[...] [e ele prossegue]

Stálin é brusco demais, e este defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se coloca intolerável no cargo de Secretário Geral. Por isso proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Stálin a outro posto e nomear a este cargo outro homem que se diferencie do camarada Stálin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem a saber: que seja mais *tolerante, mais leal, mais correto e mais atento com os camaradas, menos caprichoso*, etc. Esta circunstância pode parecer fútil tolice. Porém eu creio que, desde o ponto de vista de prevenir a divisão e desde o ponto de vista do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Stálin e Trotsky, *não é uma tolice, ou se trata de uma tolice que pode adquirir importância decisiva* (LENIN, 2000a) (grifo nosso).

A subjetividade é, então, entendida por Lenin não como uma tolice, ou como uma “tolice decisiva”. É inequívoco o valor que Lenin credits aos atributos e características pessoais dos dois dirigentes bolcheviques. Lenin poderia ter deixado, em suas últimas palavras, grandes reflexões sobre os campos de divisão que poderiam se formar, sobre a correlação de forças da Rússia soviética, sobre as potências imperialistas ou ainda sobre as tarefas urgentes das classes dirigentes da Revolução, mas dedicou parte delas a criticar os dois dirigentes mais importantes: a indelicadeza staliniana e a prepotência de Trotsky.

Esta talvez seja, portanto, uma expressão cabal da importância da subjetividade nas posições tomadas pelos seres humanos. Não apenas das grandes figuras históricas, mas igualmente, do indivíduo anônimo. Evidentemente, não queremos creditar todos os rumos que o movimento comunista internacional tomou às personalidades de duas figuras, e sim dar demonstrativo da força que a subjetividade possui nas tomadas de posição através do julgamento de Lenin. Isto porque a subjetividade está em interação permanente com a objetividade social, produzindo as sínteses causais históricas, os resultados. Para se ter um critério correto a respeito de processos singulares, é necessário muito mais do que apenas relatos históricos de como se postaram certas figuras protagonistas e de como eram seus atributos pessoais. Tampouco é possível mensurar com exatidão o peso desses fatores nos rumos da história.

É certo que há uma articulação entre causalidade e teleologia, mesmo na alçada própria da práxis social tal qual a política, na qual o objeto de intervenção do sujeito é também subjetivo. Como vimos, quando o indivíduo põe teleologicamente – ou seja, de maneira consciente, um conjunto de cadeias causais, por natureza inconscientes –, o paradeiro desse pôr entrará na sùmula causal da história em curso, pois, ao ser objetivado, o pôr foge do controle de seu postador. Na política, Maquiavel (2005, p. 50) nos dá uma demonstração disso pela sua teoria política da *virtu e fortuna*, quando, discutindo os grandes feitos de alguns grandes soberanos, avaliou se eram resultado do valor ou da boa sorte. A esse respeito, o italiano afirma: “Sem essa oportunidade, seus valores não teriam sido aproveitados; sem estes, a oportunidade teria sido vã”. Nesse trecho, pelo menos, fica ilustrada a preocupação que o autor tinha não apenas com as virtudes do *príncipe*, mas com as condições dadas pelos vários fatores em relação.

No trabalho em seu sentido originário, dos pores primários, está presente a *finalidade* em todas as etapas de sua execução. Essa finalidade não é só uma finalidade individual, mas antes uma finalidade imersa num contínuo processo de socialização. No decorrer do desenvolvimento societário (desenvolvimento que afirmamos não ser no sentido evolutivo), podemos observar que as finalidades dos processos de trabalho começam a se entrelaçar cada vez mais com as necessidades sociais, com o surgimento dos pores secundários que visam incidir outros indivíduos a realizarem pores concretos. Dessa forma, podemos afirmar que, embora os indivíduos sempre tenham e orientem suas ações através de pores teleológicos singulares, esses pores e sua contínua socialização tendem a conformar *interesses sociais*, de partes, de grupos, de castas, de classes ou de qualquer tipo de diferentes estratificações sociais possíveis. Não é possível que pores secundários incidam sobre os homens se não existir uma heterogeneidade entre eles, uma diferenciação, uma divisão, de qualquer natureza, entre esses indivíduos.

Seja a desigualdade de classe, racial/étnica, de gênero, religiosa, ou qualquer outra possível, ela sempre tende a possuir mediações que levam em última instância à finalidade de que outros indivíduos realizem determinados pores concretos. Para nós

é evidente que, em qualquer pôr da causalidade, em que o fim imediatamente posto consiste na transformação da consciência ponente de homens, o interesse social, que está sempre contido em qualquer

pôr do fim – e obviamente também naquela do simples trabalho –, termina, inevitavelmente, por influir no pôr das cadeias causais necessárias para a sua realização (LUKÁCS, 2013, p. 90-91).

Como tais interesses sociais (sejam eles de classe ou de outras naturezas) atravessam o interior dos pores, sobretudo dos secundários, deve ser uma importante matéria de estudo para outras oportunidades. Entretanto, aqui nos limitaremos a entendê-los em sentido tão *razoavelmente* abstrato quanto originário. Mesmo Lukács (2013, p. 152) não descarta essa relação ao afirmar o papel decisivo que a inserção de classe dos sujeitos exerce nos rumos de suas ações: “uma vez surgidas as sociedades de classes, qualquer questão pode ser resolvida em direções diversas: depende do ponto de vista de classe a partir do qual se busca a resposta para o dilema”.

O ponto de vista de classe, que assume papel decisivo na resolução dos problemas, pode ser analisado em diversos elementos: a ideologia, a política, a ciência, a arte, etc. Os atos valorativos advindos das ações humanas correspondem ao útil de acordo com os interesses sociais objetivamente fixados no interior dos projetos coletivos, que no caso das classes, na própria correlação de forças entre elas, *como uma determinada ação se adequa na defesa dos interesses de sua classe*.

O Partido é, sem dúvida, uma consubstanciação do agir político movido por interesses de classe. Lenin foi árduo defensor de um partido proletário independente mesmo no contexto russo travejado de inúmeras contradições políticas, econômicas e sociais, quando o arcaico se associava com o moderno de maneira *sui generis*. Distintas classes conviveram no desenvolvimento não clássico da Revolução Russa. Para compreender como Lenin elaborou sua teoria em um contexto como este, precisamos antes entender minimamente que formação sócio-histórica e econômica foi gestada em sua forma particular de política. Por isso, o primeiro capítulo servirá para este fim: entender o terreno em que foi gestado o Partido lenineano: O Império Russo.